



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**VARIAÇÃO DIATÓPICA LEXICAL DA REGIÃO DE MANAUS: A PERCEPÇÃO DE
PRODUTORES DE VÍDEOS E O REGISTRO EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS**

Carla Giovanna Moraes de Souza

RIO DE JANEIRO

2022

CARLA GIOVANNA MORAES DE SOUZA

DRE 117099011

VARIAÇÃO DIATÓPICA LEXICAL DA REGIÃO DE MANAUS: A PERCEPÇÃO DE
PRODUTORES DE VÍDEOS E O REGISTRO EM OBRAS LEXICOGRÁFICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Protti Christino

RIO DE JANEIRO

2022

FICHA DE CATALOGAÇÃO

CIP - Catalogação na Publicação

S729v Souza, Carla Giovanna Moraes de
Variação diatópica lexical da região de Manaus: a percepção de produtores de vídeo e o registro em obras lexicográficas / Carla Giovanna Moraes de Souza. -- Rio de Janeiro, 2022.
35 f.

Orientadora: Beatriz Protti Christino.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês, 2022.

1. Léxico manauara. 2. Variação lexical diatópica.
3. Marcas de uso. I. Christino, Beatriz Protti, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me permitir fazer as escolhas e tomar as decisões que me trouxeram até aqui, e a Ele agradeço também por todos os dias de minha vida.

À minha orientadora, Beatriz Protti Christino, deixo aqui minha gratidão e meu carinho por toda a compreensão, e por todo o suporte que me deu durante essa longa, e nada fácil, caminhada, sou muito grata, ainda, pelo empréstimo dos dois dicionários para que eu pudesse realizar a pesquisa. Agradeço, também, ao professor Thiago Laurentino, com quem tive o prazer de cursar duas disciplinas durante a graduação, e quem, tão gentilmente, me indicou a professora Beatriz, fazendo com que esse projeto fosse possível, além de disponibilizar seu tempo para avaliá-lo.

Não posso deixar de agradecer à minha mãe, Glauciene, que desde muito cedo passou por muitos percalços para que eu tivesse sempre as melhores oportunidades, e fez seu melhor para que eu pudesse crescer com saúde, e, claro, muito amor. Agradeço ao meu pai, Giuseppe, que foi, e é, uma benção em nossas vidas, por todas as risadas, as oportunidades, e pelo carinho.

À minha irmã, Isabelle, registro todo o meu amor e toda a minha gratidão. Não existe cumplicidade tão grande que possa superar a nossa. Obrigada pelas risadas, pelas longas conversas e por todo o apoio, sem todas essas coisas, sei que não seria forte o suficiente.

Agradeço à Mônica, ao Roberto e ao Tiago, minha segunda família. Obrigada por me acolherem de maneira tão natural e carinhosa, e se mostrarem sempre disponíveis para me ajudar quando preciso, guardo com amor todos os nossos momentos.

A graduação e as coincidências da vida me presentearam com uma pessoa especial, com quem dividi, e divido, muitos momentos. Camila, obrigada por ser a melhor amiga que eu poderia ter. Obrigada por ser exatamente como você é, e, é claro, por todo o apoio que me deu durante o curso e o processo de produção deste trabalho.

Por último, e, definitivamente, não menos importante, quero deixar meu agradecimento ao Lucas. Obrigada por ser meu fiel companheiro em todas as situações, e minha melhor companhia nas aventuras e desventuras da vida. Obrigada por me ensinar a enxergar as coisas de maneira mais leve, e por me acolher e acalmar quando eu não consigo fazê-lo. Agradeço sua dedicação em me fazer feliz, e agradeço todo o amor que me dá. Que bom que você existe.

RESUMO

Esta pesquisa se vincula ao campo da variação lexical diatópica da região de Manaus. Para isso, foram selecionados vídeos da plataforma gratuita de vídeos, YouTube, todos produzidos por nativos de Manaus. Realizou-se, então, um levantamento exaustivo nos vídeos, resultando em 70 itens lexicais, dos quais apenas 33 lexemas simples foram selecionados para compor o corpus. A partir do corpus, realizou-se uma análise nos dicionários: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* com a finalidade de constatar o registro ou ausência daqueles itens lexicais do corpus, além de sua forma de representação, caso constantes no dicionário. Desse modo foi observada a presença de marcas de uso na microestrutura dos verbetes correspondentes.

Os resultados apontam que, mesmo alguns dos itens lexicais mais frequentemente mencionados nos vídeos analisados, encontram-se ausentes em ambos os dicionários, o que pode vincular-se à falta de reconhecimento do léxico daquela região em âmbito nacional. Além disso, a combinação da presença de indicação de origem etimológica tupi e da presença de marca de uso, indicando a região de Manaus, em alguns verbetes, aponta uma possível influência do passado bilíngue em português e Nheengatu, que marcou aquela comunidade linguística até meados do século XIX.

Palavras Chave: Léxico manauara; Variação lexical diatópica; Marcas de uso

ABSTRACT

This research is linked to the field of diatopic lexical variation in the Manaus region. Therefore, videos were selected from the free video platform, YouTube, all produced by native speakers of Manaus. An exhaustive survey of the videos was then carried out, resulting in 70 lexical items, of which only 33 simple lexemes were selected to compose the corpus. From the corpus, an analysis was made on the dictionaries: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* and *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* with the purpose of verifying the registration or absence of those lexical items, in addition to their form of representation, if registered in the dictionary. Thus, the presence of usage sign in the microstructure of the corresponding entries was observed.

The results show that even some of the most frequently mentioned lexical items in the analyzed videos are absent in both dictionaries, which may be linked to the lack of recognition of the lexicon of that region nationwide. Moreover, the combination of the presence of an indication of Tupi etymological origin and the presence of a usage sign, indicating the Manaus region, in some entries, points to a possible influence of the bilingual past in Portuguese and Nheengatu, which marked that linguistic community until the mid-nineteenth century.

Key words: Lexicon of Manaus; Diatopical lexical variation; Usage signs

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Itens lexicais componentes do corpus.....	22
--	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos vídeos elaborados por produtores de conteúdo manauaras.....	20
Quadro 2 – Quadro-síntese dos critérios de análise.....	26
Quadro 3 – Itens Lexicais ausentes em ambos os dicionários.....	27
Quadro 4 – Itens Lexicais presentes em ambos os dicionários.....	27
Quadro 5 – Itens Lexicais cujo verbete contava com marca de uso em ambos os dicionários.....	28
Quadro 6 – Informações etimológicas presentes na microestrutura dos verbetes.....	30

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Referenciais Teóricos.....	10
2.1 História Social das Línguas no Amazonas.....	10
2.2 Sociolinguística Variacionista.....	12
2.2.1 Variação Lexical.....	15
2.3 Diretrizes da Lexicografia.....	17
3. Metodologia.....	19
3.1 Material de Análise.....	20
3.2 Estabelecimento do Corpus.....	21
3.3 Os Dicionários utilizados: <i>Aurélio e Houaiss</i>.....	23
3.4 Critérios de Análise.....	25
4. Análise.....	26
5. Conclusão.....	31
6. Referências Bibliográficas.....	35

1. INTRODUÇÃO

A diversidade da língua, no tocante à variação linguística, é marcante àqueles que se permitem observar. A crença na irrealidade de que um país inteiro fala a “mesma” língua pode levar a terríveis consequências de natureza social, linguística e até mesmo cultural, a longo prazo. Há uma reafirmação constante de que o português considerado “padrão” é o falado em grandes capitais do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. As variedades linguísticas de regiões como a Norte, por exemplo, estão ausentes dos veículos de comunicação de massa com alcance nacional, contribuindo para uma certa invisibilidade delas. Com o intuito de ir em direção contrária a essa invisibilidade, esta pesquisa realiza uma análise de como termos indicados como próprios de Manaus por falantes dessa comunidade linguística encontram-se registrados em obras lexicográficas de referência no país.

Discutiu-se, em adição, o passado bilíngue do Amazonas em Português e Língua Geral (também conhecida como Nheengatu), e a possibilidade de ter se estabelecido uma grande influência dessa língua no atual modo de falar da comunidade linguística dessa região, já que alguns termos do corpus (como “curumim” e “carapanã”) registram indicação de etimologia tupi nos dicionários utilizados na análise. Observando, então, a variação lexical, analisaram-se os itens lexicais presentes nos dicionários, apontados como próprios de Manaus por produtores de vídeos nativos da região, quanto à marcação indicativa, nos dicionários, se são falados especificamente na região de interesse para esta pesquisa.

Como nascida em Manaus, e após me mudar para e viver no Rio de Janeiro há 12 anos, pude sentir o quanto da identidade e dos traços linguísticos de minha cidade natal eu teria perdido tão facilmente, por estar rodeada de pessoas que falavam de uma maneira sentida como completamente diferente da minha. E aí perceber que os grandes canais de veiculação de informação (jornais, programas televisivos consumidos em massa...) também não falavam como eu costumava, quando ainda em Manaus. E, por já não mais estar inserida naquela comunidade linguística específica, eu parecia ter perdido parte de mim.

O intuito desta pesquisa é vir a contribuir para o meio acadêmico, revivendo questões de diversidade linguística, muitas vezes esquecidas ou preteridas. Desse modo, sua motivação é o reconhecimento e a importância que pretende atribuir às comunidades linguísticas, que assim como eu, sentem na pele a falta de representação.

O trabalho desdobra-se organizado em cinco capítulos. O capítulo 2 apresenta os referenciais teóricos utilizados no trabalho, e é dividido em três partes principais que abordam,

respectivamente: um pouco da história social das línguas no Amazonas com ênfase na presença da Língua Geral em diversos domínios sociais; os conceitos da Sociolinguística Variacionista com destaque para a variação lexical; e um breve apanhado de diretrizes da Lexicografia. Na sequência, o capítulo 3 trata da metodologia da pesquisa, apresentando as categorias de análise e o processo de estabelecimento do corpus. A análise fica registrada no capítulo 4, e, por fim, o capítulo 5 é o de conclusão.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os referenciais teóricos utilizados como base para a realização desta pesquisa são compostos por conceitos e noções provindos de diferentes campos, abordados, respectivamente, em três seções que são referentes à história social das línguas no Amazonas, à Sociolinguística Variacionista (tendo essa primeira seção uma repartição dedicada à variação lexical, conceito que trata justamente da existência das diversas maneiras utilizadas para denominar uma mesma realidade) e, por fim, às diretrizes da Lexicografia.

2.1 HISTÓRIA SOCIAL DAS LÍNGUAS NO AMAZONAS

Considerando o conjunto de objetivos desta pesquisa, e também as motivações que lhe levaram à existência, é de muita importância que aqui seja exposta, mesmo que de maneira resumida, a base da sócio-história da língua atualmente falada em Manaus e na região Amazônica de maneira geral.

De acordo com Freire (2003), apesar de o português dividir espaço com mais de cem línguas indígenas diferentes na região amazônica, o passado traz uma perspectiva marcada de maneira ainda mais intensa pela diversidade. Eram faladas na Amazônia cerca de 700 línguas indígenas, não havendo sequer um único falante de português até o século XVII, quando se dá a entrada do idioma europeu na colônia do Grão-Pará através de missionários, funcionários em geral e soldados.

O autor ressalta, ainda, a existência de uma língua com grande peso histórico, a *Língua Geral* ou *Nheengatu*, formada através de diversos processos de transformação e trocas entre os povos, tendo como base o tupinambá. É importante ressaltar o fato de que, ao contrário do que é comumente pensado, e infelizmente não exposto em aulas de história, por exemplo, não foi o português a principal língua naquele tão importante período da história da colônia do Grão-

Pará, e sim o *Nheengatu*. A *Língua Geral*, introduzida pelos colonizadores, foi utilizada para comunicação entre nativos e estrangeiros, sendo a principal língua da Amazônia, permanecendo, por dois séculos e meio, responsável pela troca de experiências entre índios, mestiços, portugueses e negros.

Os falantes do idioma europeu foram minoria até o século XIX, quando predominou o monolinguismo nessa língua, sendo considerado, até então, a língua de “administração” e não da população, limitando-se à função de comunicação com a metrópole. A consequência desse processo foi o abandono de diversas línguas da região, já que a cada novo falante indígena do português havia muitos outros falantes a menos em línguas originárias da região.

É necessário enfatizar o caráter gradual do estabelecimento do monolinguismo em português. Não foi de maneira rápida e pontual que o português se consolidou. A partir do uso da língua geral como língua interétnica de comunicação pelos não-indígenas, inicia-se uma fase de bilinguismo com a língua nativa e a geral, depois ocorreu o avanço para o monolinguismo em língua geral, seguido do bilinguismo de português e língua geral (Manaus do século XIX) e por fim o monolinguismo em português.

Freire (2003) expõe que, a partir da metade do século XIX, o *Nheengatu* passou a ser menos utilizado, abrangendo agora, uma área bem menor na região do Alto Rio Negro. Foi, no ano de 2002, reconhecido como língua co-oficial do município de São Gabriel da Cachoeira, onde também são faladas outras 22 línguas diferentes.

Manaus, cidade referência para esta pesquisa, possui ligação direta com o passado bilíngue apresentado anteriormente. Cruz (2011, p.12) afirma que “Belém e Manaus, [...] no início do século XIX eram descritas como tendo uma população bilíngue Português e língua geral”. Destacam-se, ainda, as diferenças no tocante aos âmbitos de uso dessas línguas. Como já mencionado anteriormente, o português era mais utilizado em comunicações formais, de negócios, administrativas, enquanto a língua geral era mais popular. Bessa Freire (2003, p. 156): cita:

“A Língua Geral [...] é a universal intérprete em toda a Província do Pará. Fala-a toda a nação indígena, que se relaciona nas Povoações. Nas Cidades, fala-se da porta da sala para dentro; e nas Vilas e demais Povoações, excetuada Pauxis no Baixo-Amazonas, é a única, não por se ignorar a portuguesa, mas porque, constrangidos os indígenas e os Mamelucos em falá-la, pela dificuldade de formarem os tempos dos verbos, do que os dispensa a Geral, respondem por esta se lhes pergunta por aquela”.
- Lourenço Amazonas (1852:104).

É plausível supor, a partir disso, que apesar de não ter mais falantes nas ruas de Manaus como no passado, a *Língua Geral* ainda seja presente nos traços de herança que deixou no modo de falar de muitos nativos da região. E mais, vale ressaltar que os principais motivos do progresso no processo de desuso da língua são de cunho político-administrativo, socioeconômico e social, todos fatores extralinguísticos.

Faz-se também necessário expor as consequências resultantes do “mito do monolinguismo”. Segundo Oliveira (2009), pensar que em um país uma única língua é falada, que, por exemplo, sendo brasileiro necessariamente se é falante de português apenas, é um pensamento preconceituoso, pois trata-se de puro desconhecimento da realidade. Realidade tal que, apresenta em vez de monolíngue, um país plurilíngue, onde centenas de línguas foram faladas e mais centenas atualmente também são. O “mito do monolinguismo” apaga o passado e omite o presente da história da língua.

Esse apagamento, em grande medida, é o resultado do desinteresse dos pesquisadores pela história social da língua, que ao desconsiderar essa dimensão, não levaram em conta sua força ativa, organizadora da sociedade e do próprio tecido histórico. Em consequência, foi criada uma lacuna, que acabou sendo preenchida por *“observações marginais, que expressam muito mais que os preconceitos de seus autores sobre os grupos indígenas, do que uma análise sobre a questão linguística colonial”* (Barros 1982:1 *apud* Freire, 2003, p. 40, *itálicos originais*)

As informações acima compartilhadas são relevantes para que, de maneira mais precisa, sejam expostos os fatos históricos relacionados à língua, à comunicação, seja esta informal ou formal, na região de interesse para este trabalho.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A língua em si é uma ferramenta detentora de muito poder, dado seu valor comunicativo que permite a troca de informações, e, por consequência, possibilita trocas culturais e estrutura toda a organização de uma comunidade e/ou grupo social. De acordo com Ferreira & Cardoso (1994, p. 11), a língua é considerada:

Um sistema de sinais acústicos orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo. Fala-se, portanto, de uma língua histórica portuguesa, espanhola, francesa, etc., ou seja, existe em cada uma delas uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta das demais. Cada uma dessas estruturas, a do português, a do espanhol, a do francês, etc., é resultado de uma língua anterior, o latim, que teve sua própria organização estrutural modificada no tempo e no espaço.

É possível, a partir da noção de língua apresentada acima, também expressar o caráter social que ela possui, admitindo sua transformação e mudança.

Na presente seção, é válido informar que, apesar de compartilharem o mesmo campo de estudo, a linguística, os pesquisadores da área dividiram-se por opiniões e conclusões divergentes que resultaram em diferentes vertentes dessa área de estudo. Como apontam Coelho, Görski, May e Souza (2010), a relação do contexto social com a língua foi sempre um tópico bastante instigante, tendo participação já no trabalho de Ferdinand de Saussure, linguista suíço, no início do século XX, passando a ser mais explorada a partir, aproximadamente, da década de 60, por pesquisadores como Uriel Weinrich e William Labov.

Nesta pesquisa serão utilizados como base preceitos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida por Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Laboviana, por conta do nome de seu principal fundador William Labov, mencionado acima como um dos pesquisadores que começaram a explorar mais profundamente a relação entre contexto social e língua, além de Sociolinguística Quantitativa, por ser uma área que trabalha com tratamento estatístico de uma grande quantidade de dados referentes a processos de variação.

Labov (2008) afirma que a Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo a língua em uso correlacionada ao contexto social, reconhecendo na língua um caráter heterogêneo, identificando a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Neste ponto, convém a apresentação de dois conceitos; o primeiro denominado variantes linguísticas, que de acordo com Tarallo (1986, p. 8): “[...] são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. O segundo conceito é o de condicionadores (variáveis independentes), que segundo Coelho, *et. al.* (2015, p. 20) “[...] são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante.” Tais condicionadores são divididos em dois grupos; os que partem de princípios mais diretamente correlacionados à língua (como classe das palavras, particularidades semânticas, número de sílabas, função sintática) chamados de condicionadores linguísticos e os que partem de princípios externos à língua (faixa etária, sexo/gênero, região e classe social), conhecidos como condicionadores extralinguísticos.

Essa ideia de atribuir à língua um caráter heterogêneo entra em contraste com a de Saussure, por exemplo, que, considera como verdadeiro objeto de estudo, apenas a língua, concebendo esta como homogênea tomando como referência somente fatores linguísticos, desconsiderando fatores externos a ela (extralinguísticos). Saussure organiza o que, para ele,

seria de importância para a linguística, criando e dividindo conceitos. Uma das mais importantes dicotomias por ele criada é a de *langue* e *parole*. A *langue* seria o conceito referente à língua, definida como um sistema composto por signos, enquanto a *parole* faria referência à fala, a qual é desconsiderada por Saussure, pois é vista como um ato individual, de caráter heterogêneo.

Vale destacar, porém, que reconhecer a língua como heterogênea não significa que ela seja carente de sistematização, isto é, que falte organização, como sugeriam os adeptos da concepção de língua como sistema homogêneo. Segundo Mollica (2003, p. 11) “[...] compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos.”. A autora reafirma a organização do caráter heterogêneo da língua quando aponta que os sistemas linguísticos estão constantemente sob o poder de forças que vão de encontro à variedade e unidade, apresentando duas contrapartes; a fixa e a heterogênea, isso sendo possível só “[...] porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada” (MOLLICA, 2003, p. 12), de onde se conclui que, mesmo os fatores extralinguísticos, que caracterizam a heterogeneidade da língua, se apresentam de maneira sistematizada no processo de variação.

É justo apontar que William Labov foi influenciado pelo linguista francês Antoine Meillet que, ainda que um seguidor de Saussure, foi também um dos primeiros a discordar do linguista suíço ao reconhecer a língua como fato social, expondo a influência do meio social sobre a mesma. De acordo com ele, “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921, *apud* CALVET, 2002 p. 16).

Labov apresenta sua proposta de vertente sociolinguística tendo como referência o que chama de comunidade linguística. O conceito de comunidade linguística é compreendido como um conjunto de indivíduos que, através da comunicação verbal, compartilham normas referentes a essa forma de interação. Em sua concepção “estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p. 150). Além disso, é importante salientar que as normas mencionadas, dentro de cada comunidade de fala, são consideradas organizadas, ou seja, fazem parte de um sistema, ocorrendo simultaneamente. Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista dedica-se às investigações de mudanças e variações da língua que ocorrem de maneira sistemática, considerando, ainda, as contribuições do contexto social nesse processo.

A organização das normas mencionadas acima pode ser exemplificada através dos conceitos de regras categóricas e regras variáveis. Regras categóricas são aquelas que ocorrem de forma idêntica em todas as situações, não havendo possibilidade de variação. Já as regras variáveis são correspondentes aos casos de variação linguística. Há diversas regras categóricas no português, como por exemplo, em um sintagma nominal, o determinante (o qual especifica o nome) tem sua posição fixada sempre antes do nome. Em estruturas como “o lobo”, o determinante “o” ocorrerá sempre antes de “lobo”, a construção “Lobo o” não ocorre, ou seja, sem que se constitua um processo de variação.

Pagotto (2006) sublinha que a língua tem uma organização que se divide em níveis, e cada um desses níveis se comporta de maneira parcialmente independente, abrindo, conseqüentemente, possibilidades de variação. A fim de melhor exemplificar tal ideia, Pagotto menciona a posição do sujeito nas construções, e a concordância entre sujeito e verbo como exemplos de variações sintáticas, formas de tratamento como variações lexicais, alternância entre formas verbais como variação morfológica e, por fim, a realização do / R / pós-vocálico, especialmente em final de palavras e a realização da consoante / s / no final de sílabas como variações fonéticas. A fim de complementar, outros casos de processos variáveis são apresentados por Coelho *et. al.* (2015), caso das diferentes maneiras de referência ao pão francês (pão de trigo, cacetinho, filãozinho) no âmbito da variação lexical, o fenômeno de monotongação (ditongo reduzido ou transformado em uma vogal, como em /ow/ para /o/; “cenora” em vez de cenoura) proposto como parte do conjunto de fenômenos de variação fonológica e a posição do clítico (“Eu vi-o no cinema” / “Eu o vi no cinema”) para ilustrar a variação de natureza sintática.

2.2.1 VARIAÇÃO LEXICAL

Delimitando ainda mais os conteúdos considerados neste trabalho, a fim de delinear de forma mais direta os objetivos deste, tem-se, dentre os diversos conceitos de variação linguística, a variação lexical. Para que se entenda melhor a que noções se vincula esse conceito, é importante explicitar a definição de léxico, de acordo com Maia (2006, p. 117):

[...] o conhecimento internalizado que o falante de uma língua tem do mundo de palavras constituído em sua própria língua, isto é, conhecimento que engloba todas as palavras da língua, as suas diferentes acepções, os seus diferentes usos, as suas possibilidades de emprego sintático, as correspondências estabelecidas entre elas.

Por exemplo, na língua portuguesa, compreende-se o léxico do português como abrangendo todas as palavras existentes nessa língua, das quais os falantes podem fazer uso a fim de se expressarem (seja de maneira oral ou escrita). Nesse conjunto, apresentam-se dois tipos de palavras, ainda de acordo com Maia: há palavras que se encaixam na categoria funcional, que são as que possuem um valor interno à gramática, desse modo, sua função é estritamente gramatical, pois seu uso se efetiva quando relacionado com outras palavras; e as palavras lexicais que são “aquelas cujos itens possuem um conteúdo descritivo no mundo externo, ‘bio-social’, um significado lexical; valem em si mesmas” (Maia 2006, p. 87).

Maia cita alguns exemplos, como as palavras “casa” e “peixe”, que propiciam imagens mentais claras, pois evocam elementos de nossa realidade, nesse sentido, se opõem às conjunções “que” e “se” que, quando vistas isoladamente, não proporcionam um entendimento completo de seu significado. Temos como referência para a variação lexical, portanto, palavras que se encaixem no grupo descrito por Maia como palavras lexicais.

Por conseguinte, reconhece-se a ocorrência do fenômeno de variação lexical quando termos diferentes são utilizados para denominar uma mesma realidade extralinguística. Percebe-se, então, que as variações do nível lexical assumem a natureza de regras variáveis deste mesmo nível. Exemplificando, o que os cariocas costumam chamar de “sacolé”, é denominado “dindim” na cidade de Manaus. Dois termos diferentes, “sacolé” e “dindim”, estão sendo empregados, a fim de referenciar uma mesma realidade, um mesmo doce, neste caso, uma espécie de sorvete servido em um pequeno saco de plástico estreito e comprido. Outro exemplo muito lembrado é o caso de um legume, que, em boa parte do país é conhecido como “abóbora”, mas em algumas áreas das regiões norte e nordeste é conhecido como “jerimum”. Mais uma vez duas variantes encontram-se em uso para referenciar um mesmo alimento. Saindo da categoria de alimentos, há o exemplo do que é popularmente conhecido como “cabide” em diversas regiões do país, mas em Manaus é comumente chamado de “cruzeta”, ou seja, o mesmo objeto, com a mesma função de armazenar roupas dentro do guarda-roupa, possui maneiras diferentes de denominação.

A partir da apresentação da vertente teórica conhecida como Sociolinguística Variacionista e do conceito de Variação Lexical, melhor se desenvolve uma noção do objeto de estudo desta pesquisa, situando mais claramente o panorama em que se encontram as variantes analisadas posteriormente.

2.3 DIRETRIZES DA LEXICOGRAFIA

Esta pesquisa, como já mencionado anteriormente, tem como um dos objetivos analisar a abordagem de termos e expressões reconhecidos como próprios de Manaus, por produtores manauaras de conteúdo para a internet, nas obras: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss e *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda. Sendo assim, é de extrema importância que aqui se apresentem, ainda que brevemente, alguns dos principais conceitos do ramo linguístico da Lexicografia.

Welker (2004) apresenta dois possíveis significados para Lexicografia. Para o primeiro, tem-se propriamente a denominação de Lexicografia ou, ainda, Lexicografia prática. Neste sentido, a Lexicografia significa a produção de dicionários, ou seja, se refere à ciência de elaboração de dicionários. A segunda aceção é denominada Lexicografia teórica, também conhecida como *metalexigrafia*, termo bastante adotado em idiomas estrangeiros como francês, alemão e inglês. A Lexicografia teórica, por sua vez, visa o estudo de problemas referentes à produção de dicionários, de maneira crítica, além de analisar o uso de dicionários e realizar pesquisas sobre a história da ciência lexicográfica. De forma resumida, “o lexicógrafo é quem produz um dicionário; quem escreve sobre dicionários é o metalexicógrafo” (Welker 2004, p. 11).

Biderman (1984) comenta a história da lexicografia do português, francês e espanhol, expondo o fato de que obras lexicográficas, como as de referência atualmente, não foram produzidas na Antiguidade. Tendo-se como início da “verdadeira” Lexicografia os tempos modernos. A autora menciona, ainda, a produção de alguns glossários (tipo de dicionário que explica palavras arcaicas ou pouco conhecidas, na Idade Média, comumente encontrado na parte final de manuscritos) e léxicos, sobre os textos homéricos, por exemplo, afirmando que os profissionais da época, filólogos e gramáticos, preocupavam-se, principalmente, com a compreensão de textos literários.

No âmbito deste trabalho, serão consideradas noções da Lexicografia prática, a fim de compreender melhor como são organizadas e estruturadas as obras lexicográficas (dicionários), para que, posteriormente, compreenda-se melhor o objeto de estudo deste trabalho.

Os dicionários são instrumentos utilizados a fim de sanar dúvidas sobre origem, significado e outras questões pertinentes a palavras (também expressões, locuções e outras construções lexicais), tendo, por vezes, maneiras distintas de especificar e estruturar os

chamados *verbetes*. Costa & Zavaglia (2015) trazem diversas acepções de verbete, mas considera-se, para esta pesquisa, a definição abaixo:

O verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada. Portanto, além da definição da palavra, o verbete também fornece várias outras informações que determinam a palavra-entrada, tais como sua pronúncia, sua etimologia, informações gramaticais, marcas lexicográficas ou particularidades de uso, informações paradigmáticas (ou seja, lexemas que mantêm alguma relação semântica com a entrada, tais como sinônimos, antônimos, parônimos e derivados), exemplos de uso, informações enciclopédicas, dentre outras. (PONTES, 2009: 100 *apud* COSTA & ZAVAGLIA, 2015, p. 98)

Tem-se por verbete, logo, o texto inteiro composto pelas informações apresentadas para cada palavra que, por sua vez, é denominada *entrada*. Abaixo, constam dois exemplos de verbetes:

Barbicas: [...] *infrm. pej.* Indivíduo de pouca barba e aparência insignificante; barbichas – *etim barbica + -s expressivo* [...] (adaptado do Dicionário *Houaiss*, p. 402)

Caramelizar: [...] **3 t.d** [...] recobrir de caramelo; untar com calda caramelada; acaramelar <*c. a forminha do pudim*> - *etim caramelo + izar* [...] SIN/VAR caramelar (adaptado do Dicionário *Houaiss*, p. 617)

Existe, ainda, um outro conceito apresentado por Welker (2004), o de *microestrutura*, trazendo a definição de Rey-Debove (1971: 21) de que a microestrutura seria “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”, complementando com a ideia que a autora tem da padronização de microestruturas. Ou seja, as microestruturas de um dicionário devem ser organizadas de maneira similar, sistematizadas e “constantes”, reconhecendo-se, porém, que as entradas podem possuir diferentes informações. Dessa forma, algumas informações referentes a determinadas entradas podem não existir, como representado nos exemplos de verbetes anteriormente. O verbete “Barbicas” possui marcação de particularidade de uso “*infrm. pej.*”, isto é, se emprega em situações informais e de maneira pejorativa, enquanto o verbete “caramelizar” não apresenta marcação de particularidade de uso, mas contém informações sintáticas como a predicação do verbo “*t.d*” e ainda sinônimos/variações como “caramelar”. Welker também sinaliza autores como Hausmann & Wiegand que listam algumas das informações que podem constar em um verbete: descrição; sinônimos e antônimos; pronúncia; classe gramatical; flexão; acentuação; etimologia; colocações e exemplos.

Contidas na microestrutura de alguns verbetes, há o que denomina-se “marcas de uso”, também nomeadas como “particularidades de uso”, como visto acima na citação de Pontes (2009). As marcas de uso indicariam, assim, as particularidades de algumas palavras. Em sua abordagem, Welker traz uma tipologia das marcas de uso, proposta por Hausmann: diafásicas (utilizadas para diferenciar linguagem informal e formal), diatécnicas (utilizadas para indicar que a palavra faz parte de uma linguagem técnica), dianormativas (utilizadas para indicar que a palavra não é considerada correta diante da norma padrão da língua), e por fim, citam-se as marcas de uso diatópicas (utilizadas para indicar acepções que tem emprego restrito a regiões ou países).

Welker expressa que é grande a dificuldade existente na tarefa de rotulação de palavras e lexemas em dicionários quanto às marcas de uso. Comentando especialmente o caso de rotulações diatópicas, o autor cita Biderman, novamente, apresentando o ponto de vista da autora que critica, por exemplo, o fato de, no dicionário *Aurélio*, ter sido atribuída a marca de uso "brasileirismo geral" a palavras que, na verdade, são correntes apenas em determinadas regiões.

Apesar das dificuldades que envolvem seu estabelecimento, Welker afirma ser desejável a utilização cada vez mais frequente de marcas de uso em obras lexicográficas, alegando que estas fornecem demarcações de grande importância não apenas em processos de produção de textos, mas também em sua recepção, já que, em alguns casos, a ausência de marcas de uso pode fazer com que a interpretação não seja correta, ou plena.

Como ficará ainda mais claro na próxima seção, dedicada a registrar os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, realizou-se a análise da presença (e natureza) de marcas de uso diatópicas em verbetes das obras lexicográficas em foco.

3. METODOLOGIA

Na pesquisa em que se fundamenta esta monografia, traçou-se um caminho que visou agrupar palavras, reconhecidas como tipicamente manauaras por produtores de conteúdo videográfico nativos da cidade, com o objetivo de analisar a caracterização e descrição atribuídas a tais dados linguísticos em duas obras lexicográficas de referência.

Tendo como base os princípios da Sociolinguística Variacionista, ou seja, admitindo a possibilidade de processos de variação linguística na forma de coexistência de variantes

linguísticas, esta pesquisa coletou dados através de um levantamento exaustivo em vídeos, postados na plataforma virtual de vídeos YouTube, a fim de analisar se, e como, tais dados são representados nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*.

Faz-se importante, ainda, lembrar o conceito de regra variável apresentado anteriormente. Considerando este conceito, admite-se a possibilidade de uma ou mais variantes “concorrendo” em uma regra variável. Em outras palavras, a existência de diferentes formas linguísticas que fazem referência a uma mesma realidade. Dentro desta ideia, é possível prosseguir para o entendimento também da existência de diferentes tipos de variações, sendo a variação lexical diatópica (regional), a de destaque nesta pesquisa.

3.1 MATERIAL DE ANÁLISE

O material de análise do presente trabalho é composto por um total de nove vídeos encontrados em uma plataforma digital de vídeos, de acesso gratuito, o YouTube. Ao buscar por “expressões manauaras”, foram localizados alguns vídeos e, dentre eles, selecionados os que foram produzidos por produtores de conteúdo nascidos na cidade de Manaus. As informações acerca dos vídeos foram organizadas no Quadro 1, mais abaixo.

Em oito dos nove vídeos, os produtores explicitam o fato de serem de Manaus. Já no vídeo publicado por Ana Sousa (V6), a produtora do conteúdo não deixa claro se é ou não de Manaus. Seu local de nascimento foi confirmado apenas posteriormente, através de uma pergunta feita no campo de comentários do vídeo, no mês de outubro de 2021, respondida pela produtora do conteúdo no mesmo mês.

Quadro 1 – Descrição dos vídeos elaborados por produtores de conteúdo manauaras

Link para acesso	Duração (min)	Canais Produtores do Conteúdo	Código de Referência
https://www.youtube.com/watch?v=QsrFozt1yVo	6:39	Akaia Sa	V1
https://www.youtube.com/watch?v=BZ4Iq0Adfmk	5:52	MATEKO	V2
https://www.youtube.com/watch?v=1Q2KFq27RzI	2:19	Ana Lucia Freitas	V3
https://www.youtube.com/watch?v=VFOhEszZr8	5:33	TV A Crítica	V4
https://www.youtube.com/watch?v=h3eXE9s-jfc	5:58	DE MANAUS	V5
https://www.youtube.com/watch?v=XH0dvXo7JU4	9:28	Ana Sousa	V6
https://www.youtube.com/watch?v=RAY10uVKcfY	8:33	AQUI THE CASA	V7

https://www.youtube.com/watch?v=bF64MEDxNfY	5:19	Emmanuele Neves	V8
https://www.youtube.com/watch?v=lGgKWH4b7gw	7:02	Portal da bibi	V9

(Elaborado pela autora)

O quadro 1 acima apresenta o endereço de rede para cada vídeo assistido, seus respectivos tempos de duração, os nomes dos canais responsáveis pela produção e postagem dos conteúdos, e, por fim, uma coluna com códigos de referências, formados pela letra “v” como referência à palavra “vídeo”, seguida de um número indicando a ordem em que o vídeo foi selecionado para análise. Assim, o vídeo “V1”, por exemplo foi o primeiro assistido e selecionado, e assim por diante. A criação desses códigos teve a intenção de facilitar a identificação de cada produção videográfica, nas menções posteriores.

3.2 ESTABELECIMENTO DO CORPUS

O corpus deste trabalho foi determinado através de um processo de seleção dos termos e expressões consideradas próprias de Manaus, realizado nos nove vídeos produzidos por indivíduos nativos de Manaus, apresentados anteriormente no quadro 1, aplicando os critérios abaixo explicitados.

Foram levantados um total de 70 diferentes termos e expressões. E destes, decidiu-se integrar ao corpus somente os lexemas simples, de forma a assegurar uma distribuição análoga de cabeça de verbete em ambos os dicionários escolhidos. Foram desconsiderados, assim, os dados linguísticos que representavam, sintaticamente, sentenças ou sintagmas (total de 32, como por exemplo “vou nada”, “ao meno”, “carapanã encheu voou” e “até o tucupi”) e igualmente desconsiderados os itens que eram representações de realizações fonéticas (total de cinco, como “telezé” que representa a realização fonética para “tu é leso, é?” e “borimbora” que representa “bora embora”).

A Tabela 1, a seguir, apresenta os dados integrados ao corpus. Os itens foram organizados utilizando como base dois critérios; o primeiro é a ordem decrescente de quantidade de vídeos em que são mencionados, o segundo é a ordem alfabética. Temos, portanto, nas três primeiras posições, as três palavras mais frequentes, “brocado(a)”, “maceta” e “mano(a)”, aparecendo em sete dos nove vídeos cada uma.

Tabela 1 – Itens lexicais componentes do corpus

Item Lexical	Glosa	Número de vídeos	Código de Referência dos Vídeos
Brocado(a)	Com muita fome	7	V1; V2; V3; V4; V6; V7; V9
Maceta	Grande, Gigante	7	V2; V3; V4; V5; V6; V8; V9
Mano(a)	Irmão(ã), “brother”	7	V1; V2; V3; V4; V6; V8; V9
Chibata	Legal, maneiro	5	V1; V2; V4; V6; V8
Toró	Chuva forte	5	V2; V3; V6; V8; V9
Carapanã	Mosquito	3	V1; V2; V8
Cunhatã	Menina, garota	3	V1; V2; V6
Curumim	Menino, garoto	3	V1; V2; V6
Dindim	Sobremesa gelada de diversos sabores (sacolê, geladinho...)	3	V1; V3; V5
Galeroso(a)	Pivete, moleque	3	V4; V6; V9
Kikão	Cachorro-quente	3	V2; V6; V8
Abestado(a)	Bobo, idiota	2	V1; V6
Bodozal	Periferia	2	V1; V8
Escangalhado(a)	Quebrado	2	V3; V9
Leso(a)	Bobo, idiota	2	V3; V6
Pitiú	Odor desagradável, cheiro de peixe	2	V3; V7
Porrudo(a)	Forte	2	V5; V6
Abacaba	Mentira, lorota	1	V1
Abarrotado(a)	Cheio, satisfeito	1	V1
Abestalhado(a)	Bobo, idiota	1	V3
Afobado(a)	Apressado(a)	1	V3
Apresentado(a)	Enxerido(a), abusado(a)	1	V1
Arredar	Afastar, mover	1	V1

Arrumação	Ideias ou sugestões inadequadas e indevidas	1	V1
Cruzeta	Cabide	1	V1
Curuba	Ferida	1	V1
Esculhambado(a)	Quebrado(a)	1	V3
Fanta	Sem graça, chato(a)	1	V3
Fuleiro(a)	Algo ou alguém não confiável, de baixa qualidade	1	V8
Leseira	Besteira, bobeira	1	V3
Manjar* ocorrência no vídeo em forma de gerúndio (Manjando)	Observar, “ficar de olho”	1	V8
Peteca	Bola de gude	1	V3
Pipo	Chupeta	1	V3
Número total de lexemas do corpus: 33			

(Elaborada pela autora)

Na Tabela 1 acima, estão presentes os itens lexicais formados por lexemas simples que foram submetidos ao processo de análise. Além disso, a quarta coluna da tabela 1, coluna de códigos de referência, exhibe os respectivos vídeos contendo cada lexema simples.

3.3 OS DICIONÁRIOS UTILIZADOS: *AURÉLIO E HOUAISS*

Faz-se importante uma breve consideração sobre os dicionários que foram utilizados nesta pesquisa, a fim de expor de maneira mais clara suas respectivas apresentações e estruturas quanto aos verbetes.

Nesta pesquisa foram empregadas a 28ª impressão da 2ª Edição do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* de 1986, que será referido, de forma abreviada, como *Aurélio* e a 1ª reimpressão do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de 2001, que será referido, de forma abreviada, como *Houaiss*.

Levando em consideração o objetivo deste trabalho de analisar *se* e *como* estão sendo representados os lexemas constantes na tabela 1, torna-se necessário entender como os

dicionários mencionados organizam as informações de interesse para o resultado da presente análise.

No dicionário *Aurélio*, como coloca o organizador da obra em sua introdução, a marca de uso “Bras.” é utilizada para identificar entradas consideradas como *Brasileirismo*, diferindo o Português Europeu do Brasileiro. Em algumas entradas, entretanto, encontra-se, além de “Bras.”, uma marcação de uso com indicação diatópica mais específica, como “Bras. AM”, que faz referência ao estado no qual aquela entrada é comumente utilizada, e “Bras. N.”, como referência à região na qual a entrada é comumente falada. Além das marcações dessa natureza, o *Aurélio* apresenta a etimologia de algumas entradas, permitindo que o leitor tenha acesso à língua de origem das mesmas. Como também demonstrado na introdução da obra, na edição examinada, nem sempre a etimologia apontada encontra-se plenamente confirmada, havendo indicações, também, das hipóteses de origem com maior difusão.

Já no *Houaiss*, contrastando com o *Aurélio*, encontram-se mais informações, na introdução do dicionário, a respeito das entradas catalogadas como regionalismo, como aponta Figueiredo:

Entendemos que os regionalismos são apresentados no Dicionário [*Houaiss*] em nível de dialetismo vocabular e semântico, trazendo informações sobre o espaço geográfico em que são utilizados. O autor explica [...] que as marcas de regionalismos no dicionário incluem os *Estados brasileiros*, AC, RO, AM etc. segundo o uso convencional; os *brasileirismos B*, usado em todo Brasil sem determinação de localização por insuficiência das informações [...] (FIGUEIREDO, 2015, p. 60)

Logo, percebe-se que no *Houaiss* os casos de variações regionais são tratados com um toque a mais de cuidado já que, na *introdução da obra*, de maneira mais clara, a forma de demarcação é explicada. É importante salientar que por “variações regionais”, neste trabalho, são consideradas as variações lexicais entre as regiões do Brasil, uma vez que, no *Aurélio*, a ênfase parece ser dada às diferenças entre Português do Brasil e Português Europeu. Na lista de abreviações do dicionário *Houaiss*, por exemplo, estão presentes abreviações (“BA”, “ES” e “GO”, respectivamente Bahia, Espírito Santo e Goiás) que não são apresentadas na lista de abreviações do *Aurélio*.

Quanto à microestrutura dos verbetes, e às informações necessárias para este trabalho, o *Houaiss* é similar ao *Aurélio*, pois também mostra a etimologia do lexema, além de fazer a marcação do estado quando se tratando de regionalismo. A microestrutura dos verbetes no *Houaiss*, descrita na introdução do próprio dicionário, é apresentada contendo: a entrada

(unidade léxica), e elementos periféricos (tudo o que não é a própria entrada e sua definição). Os chamados elementos periféricos, por sua vez, podem aparecer isolados ou combinados nos verbetes, antecedentes ao campo de definição, registrados na seguinte ordem: ortoépia (indicação normativa de pronúncia), classe gramatical, datação (primeiro registro conhecido ou estimado da entrada), derivação semântica, acepção restritiva, rubrica temática (área a qual pertence a palavra: física, artes, música, medicina, etc.), regionalismo, nível de uso, estatística de emprego, registro diacrônico e etimologia.

Já no *Aurélio*, a organização dos verbetes, também exposta em sua introdução, é feita da seguinte maneira: entrada, etimologia, informações fonéticas, informações morfológicas e informações sintáticas.

A presença da marcação da região em que é utilizada cada entrada assumiu extrema importância neste caso, já que se teve por objetivo justamente saber se os lexemas reconhecidos como “*de Manaus*” pelos próprios nativos, são também apontados como manauaras nas duas obras lexicográficas selecionadas. Em adição, a possibilidade de presença da etimologia nos verbetes poderia permitir uma espécie de aproximação com o passado bilíngue da região amazônica, como mencionado na subseção 2.1 deste trabalho. Nessa ordem de ideias, a combinação das características termo exclusivo do Amazonas mais etimologia Tupi poderia ser considerada como um indicativo da herança do bilinguismo envolvendo a Língua Geral que caracterizou a região no início do século XIX.

3.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Os critérios considerados para a realização da análise desta pesquisa, aplicados a cada um dos itens lexicais coletados nos vídeos examinados, foram:

- I. Presença no dicionário
- II. Presença de marca de uso
- III. Natureza da marca de uso

O primeiro critério é a presença (ou não) de cada lexema do corpus em ambos os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*. Foi adotada a indicação “sim” para representar existência de um verbo correspondente e “não” para sua ausência, a partir dessa observação, torna-se possível compreender melhor o reconhecimento dos lexemas em nível nacional e não apenas regional.

Em sequência, caso os lexemas estivessem representados nos dicionários, observou-se a presença (ou não) de marca de uso na microestrutura de cada verbete, com o intuito de descobrir se eram eles reconhecidos como: (1) próprios da região amazônica, (2) apenas como “brasileirismos” ou (3) não possuindo nenhuma marca de uso. Desse modo, para os que contavam com marca de uso, aplicou-se o critério da descrição da natureza de tal marcação, verificando se tratava-se de referência ao país, de forma geral (“Bras.”) ou de referência específica a alguma região ou estado. Possibilitou-se, assim, a reflexão acerca do reconhecimento da face social e cultural mais específica da língua, ou seja, se são reconhecidos como especificamente daquela região ou considerados como utilizados de maneira geral pelo país, resguardando o fato de os produtores dos vídeos analisados terem impressões intuitivas como falantes daquela comunidade linguística.

Com o fim de registrar o desenvolvimento do processo de aplicação dos critérios de análise, encontra-se, abaixo, o quadro-síntese com informações apresentadas de maneira sucinta acerca da natureza dos critérios adotados, aplicados a cada um dos dois dicionários utilizados, e suas possibilidades de classificação.

Quadro 2 – Quadro-síntese dos critérios de análise

Crítérios de análise	Possibilidades de classificação
Presença no dicionário	Sim x Não
Presença de marcação de uso	Sim x Não
Natureza da marca de uso	Brasileirismo x Regional x Estadual

(Elaborado pela autora)

Os critérios de análise elencados no Quadro 2 acima representaram as diretrizes norteadoras da análise desenvolvida, que se encontra registrada na próxima seção.

4. ANÁLISE

Para a apresentação do processo de análise desta pesquisa, escolheu-se a representação através de quadros, acompanhados de textos, para que a visualização e interpretação das observações realizadas sejam facilitadas. A seguir, os itens lexicais estão organizados em ordem alfabética em cada um dos quadros, e, também, quando mencionados em texto.

Reúnem-se, no Quadro 3, abaixo, os itens lexicais que não foram encontrados em nenhum dos dicionários utilizados para análise

Quadro 3 – Itens Lexicais ausentes em ambos os dicionários

Itens Lexicais
Abacaba
Bodozal
Chibata
Dindim
Fanta
Galeroso
Kikão
Maceta
Porrudo

(Elaborado pela autora)

Do total de 33 itens lexicais analisados, os nove itens acima listados estão ausentes tanto do dicionário *Aurélio* quanto do *Houaiss*. No quadro 4 logo abaixo, estão agrupados os itens lexicais que marcam presença em ambos os dicionários.

Dos 33 itens lexicais que formam o corpus, 24 itens estão presentes em, pelo menos, um dos dicionários (19 em ambos, 1 apenas no dicionário *Aurélio* e 4 apenas no dicionário *Houaiss*). Na sequência, os quadros são o detalhamento.

Quadro 4 – Itens Lexicais presentes em ambos os dicionários

Itens Lexicais
Abestalhado(a)
Afobado(a)
Apresentado(a)
Arredar
Carapanã
Cruzeta

Cunhantã
Curuba
Curumim
Escangalhado(a)
Fuleiro(a)
Leseira
Leso(a)
Manjar
Mano(a)
Peteca
Pipo
Pitiú
Toró

(Elaborado pela autora)

No total, foram encontrados em ambos os dicionários 19 itens lexicais do corpus, como se nota no quadro 4.

O quadro 5 a seguir é composto pelos itens lexicais, presentes em ambos os dicionários, para os quais foi localizado um verbete em cuja microestrutura encontravam-se registradas marcas de uso.

Quadro 5 – Itens Lexicais cujo verbete contava com marca de uso em ambos os dicionários

Itens Lexicais	Natureza da Marca de Uso	
	Aurélio	Houaiss
Afobado(a)	Nacional – Bras.	Nacional – B
Apresentado(a)	Nacional – Bras.	Nacional – B
Carapanã	Nacional e Estadual – Bras./ AM	Estadual – AMAZ
Cruzeta	Nacional e Estadual – Bras./ AM/ CE	Estadual AM/ CE/ P
Cunhantã	Nacional e Estadual – Bras./ AM	Estadual – AMAZ
Curuba	Nacional – Bras.	Nacional – B

Curumim	Nacional e Estadual – Bras./ AM	Estadual – AMAZ
Leseira	Nacional e Estadual – Bras./ N.E	Nacional B
Lesó	Nacional – Bras.	Nacional – B
Manjar	Nacional – Bras.	Nacional – B
Peteca	Estadual – PA	Estadual – PA
Pipo	Nacional e Estadual – Bras./ AM/ PA/ MA	Estadual – AM/ PA/ MA
Pitiú	Nacional e Estadual – Bras./ AM	Estadual – AMAZ
Toró	Nacional e Estadual – Bras./ MG/ RJ	Nacional – B

(Elaborado pela autora)

Tem-se, portanto, 14 itens lexicais cujo verbete correspondente recebeu marcas de uso em ambos os dicionários. Acima, os dados são organizados em colunas que, respectivamente, registram o item lexical, a natureza da marca de uso apresentada no dicionário *Aurélio* e a natureza da marca de uso apresentada no dicionário *Houaiss*.

Da listagem presente no quadro 5 acima, os verbetes para seis itens lexicais, mesmo que alguns não exclusivamente, apresentam marca de uso de natureza estadual do Amazonas. Abaixo, um verbete retirado de cada dicionário serve de exemplificação:

Pipo [...] 3. *Bras., AM, PA e MA*. V. chupeta (Adaptado do Dicionário Aurélio, p. 1335)

Cunhantã s.f. [...] *AMAZ 1* menina **2** jovem mulher, moça; cunhã [...] (Adaptado do Dicionário Houaiss, p. 890)

Ao longo do processo de análise, percebeu-se que o item lexical “Abestalhado(a)” foi o único item, presente em ambos os dicionários, cujo verbete possui marca de uso apenas no dicionário *Aurélio*, sendo a natureza da marca “Nacional – Bras.”. No conjunto dos itens lexicais presentes em ambos os dicionários, não foi encontrado nenhum associado a uma marca de uso apenas no dicionário *Houaiss*.

Quanto aos itens que aparecem em apenas um dos dicionários selecionados, um único item lexical foi encontrado exclusivamente no *Aurélio*: “esculhambado”. O verbete referente a esse item lexical revela natureza de marca de uso “Nacional – Bras.”. Considerando o dicionário *Houaiss*, foram exclusivamente encontrados no mesmo, os seguintes itens: “abarrotado(a)”,

“abestado(a)”, “arrumação” e “brocado”. Dentre esses, apenas o último, “brocado(a)”, vincula-se a um verbete com marca de uso, sendo sua natureza “Nacional – B.”.

Faz-se importante, ainda, a organização dos itens lexicais quanto à presença de informação etimológica no verbete correspondente. Os 24 itens que marcam presença em, pelo menos, um dos dicionários selecionados foram organizados no Quadro 6 abaixo, de acordo com a indicação de origem etimológica.

No quadro 6, os itens lexicais são registrados com as respectivas informações de etimologia apresentadas em cada dicionário. Para palavras que não foram encontradas em algum dos dicionários, a coluna correspondente à informação etimológica constante no verbete é preenchida com um uma sinalização linear “-----”.

Quadro 6 – Informações etimológicas presentes na microestrutura dos verbetes

Itens Lexicais	Etimologia	
	Aurélio	Houaiss
Abarrotado(a)	-----	Part. de abarrotar
Abestado(a)	-----	Part. de abestar
Abestalhado(a)	a ⁻² +besta(ê)+ -alhado	Part. de abestallar
Afobado(a)	Part. de afobar	Part. de afobar
Apresentado(a)	Part. de apresentar	Part. de apresentar
Arredar	Latim * <i>adretrare</i>	Latim <i>adreto</i> + ar
Arrumação	-----	Arrumar + ção
Brocado(a)	-----	Part. de brocar
Carapanã	Tupi <i>karapanã</i>	Tupi <i>karapanã</i>
Cruzeta	Etimologia ausente	Cruz + eta
Cunhantã	Tupi <i>kuñatain</i>	Tupi <i>kuñatain</i>
Curuba	Tupi <i>kuruba</i>	Tupi <i>kuruba</i>
Curumim	Tupi <i>kurumi</i>	Tupi <i>kurumi</i>
Escangalhado(a)	Part. de escangalhar	Part. de escangalhar
Esculhambado(a)	Part. de esculhambar	-----
Fuleiro(a)	Espanhol <i>fulero</i>	Espanhol <i>fullero</i>
Leseira	Leso + eira	Leso + eira
Leso(a)	Latim <i>laeso</i>	Latim <i>laesus</i>

Manjar	Fr. <i>manger</i>	Fr. <i>manger</i>
Mano(a)	F. hipocorística de irmão	Hipoc. de irmão
Peteca	Tupi <i>peteka</i>	Tupi <i>peteka</i>
Pipo	De pipa	Pipa com alt. da vogal temática de <i>-a > -o</i>
Pitiú	Tupi <i>pitiu</i>	Tupi <i>pitiu</i>
Toró	Voc. onom.	Voc. onom.

(Elaborado pela autora)

Foram destacados, no Quadro 6 acima, em negrito, os itens lexicais cujo verbete registrava informação de etimologia tupi. São 6 itens lexicais com essa característica: carapanã, cunhantã, curuba, curumim, peteca e pitiú. Essas variantes lexicais podem ser consideradas como estabelecendo, por conta da indicação de uso regional e indicação de etimologia tupi, uma relação direta com o que foi discutido na seção 2.1 desta pesquisa, com a história social das línguas no Amazonas, e com o passado bilíngue em Língua Geral e Português da região mencionada até meados do século XIX.

É possível assumir que os itens mais prováveis de serem algum tipo de herança linguística desse passado bilíngue, são aqueles que foram marcados exclusivamente como falados no Amazonas (considerando o dicionário Houaiss, já que o Aurélio não registra nenhuma marcação exclusivamente “estadual AM” nos itens mencionados nesta pesquisa) e que têm, também, etimologia tupi registrada, sendo os seguintes: Carapanã, Cunhantã, Curumim e Pitiú.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, itens lexicais apontados como próprios de Manaus foram selecionados a partir de vídeos produzidos por nativos da cidade de Manaus, a fim de buscar verificar a presença desses itens nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss* e também como eram organizadas as microestruturas dos verbetes correspondentes.

O corpus composto por 33 itens lexicais teve nove desses itens ausentes em ambos os dicionários, apresentados no capítulo anterior no Quadro 3. Desse conjunto, “Maceta”, foi um dos três itens (brocado; maceta; mano) mais frequentemente citados nos vídeos utilizados nesta pesquisa.

Na tabela 1, no capítulo de metodologia deste trabalho, os itens lexicais do corpus foram organizados em ordem decrescente de número de vídeos em que eram citados. Dos primeiros cinco itens lexicais, ou seja, os cinco mais frequentemente mencionados como próprios de Manaus pelos produtores de vídeo pertencentes àquela comunidade linguística, “brocado”; “maceta”; “mano”; “chibata” e “toró”, apenas dois (“mano” e “toró”) foram encontrados tanto no dicionário *Aurélio* quanto no dicionário *Houaiss*. É interessante notar, também, que a microestrutura do verbete para “mano” não registrava marca de uso em nenhum dicionário e do verbete para “toró” registrava marca de uso nacional e estadual para MG e RJ no dicionário *Aurélio* e apenas nacional no *Houaiss*. Quanto aos outros três itens lexicais, “maceta”, como já mencionado acima, e “chibata” não foram encontrados em nenhum dos dicionários, e “brocado” foi encontrado apenas no dicionário *Houaiss*, acompanhado de um verbete registrando marca de uso nacional.

Observa-se que, mesmo itens com grande frequência de reconhecimento pelos falantes da comunidade linguística de Manaus, encontram-se ausentes em ambos os dicionários, o que parece indicar pouca atenção à variação lexical diatópica própria àquela região nas obras lexicográficas em foco.

Em concordância com os resultados obtidos através da análise feita nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*, notou-se que, apesar de alguma semelhança referente ao modo de representação dos lexemas em cada uma dessas obras lexicográficas, também foram encontradas diferenças. No dicionário *Aurélio*, por exemplo, 20 dos 33 lexemas do corpus foram encontrados na busca, enquanto no *Houaiss* foram encontrados 23 lexemas. Dos vinte lexemas encontrados no *Aurélio*, os verbetes referentes a quinze deles continham algum tipo de marca de uso em sua microestrutura, sendo apenas seis marcados com o termo “AM.”. Vale destacar, porém, que, apesar de reconhecidos como falados no Amazonas, nenhum desses lexemas vinha acompanhado de um verbete indicativo de uso apenas propriamente do Amazonas. Os verbetes relativos a quatro deles (carapanã, cunhantã, curumim e pitiú) apresentavam, além de marca de uso referente ao estado do Amazonas, também o “B”, atribuindo aos itens lexicais mencionados, um caráter mais generalizado de uso. As microestruturas dos verbetes referentes aos dois outros itens lexicais contavam com a marca de uso “B”, mais as indicações de caráter diatópico estadual “AM” e “CE” (cruzeta) e “AM”, “PA” e “MA” (pipo).

No dicionário *Houaiss*, também foram observadas marcas de uso na microestrutura de 15 verbetes em um conjunto de 23 itens lexicais ali encontrados. Dos 15 itens lexicais cuja

microestrutura continha marcas de uso de natureza diatópica no *Houaiss*, seis verbetes possuíam marca de uso relacionada à região considerada nesta pesquisa, sendo referentes aos mesmos itens lexicais mencionados no parágrafo anterior sobre o dicionário *Aurélio*. Há diferença, porém, na maneira de apresentação dessas marcas de uso. Enquanto no *Aurélio* as marcas de uso têm natureza nacional e estadual, no *Houaiss* elas são representadas exclusivamente como estaduais.

Sobre a etimologia apontada na microestrutura dos verbetes para os itens lexicais analisados, não foram reconhecidas diferenças relevantes no tratamento de ambos os dicionários. Foram, ao longo desse levantamento das informações etimológicas presentes nos verbetes, encontradas informações de grande interesse por meio das quais se pode estabelecer relação com questões abordadas anteriormente na seção 2.1 desta pesquisa, referentes ao passado bilíngue da região amazônica em Língua Geral e Português. Os itens lexicais “carapanã”; “cunhantã”; “curuba; “curumim”; “peteca” e “pitiú” possuem, em ambos os dicionários, indicação de etimologia tupi. Em outras palavras, tem-se a informação, a partir desses dicionários, de que tais itens lexicais são derivados de palavras de origem tupi, uma das 700 línguas indígenas faladas na região Amazônica antigamente. Língua indígena essa que foi também base para a formação da *Língua Geral*, utilizada como principal meio de comunicação na Colônia do Grão Pará, após a entrada de estrangeiros no território. Sendo assim, a abordagem desta pesquisa da variação lexical vinculada à região de Manaus parece apontar que um conjunto de itens lexicais revelaria influência da *Língua Geral* no atual modo de falar da comunidade linguística daquela região, principalmente porque palavras como “pitiú”; “curumim”; “cunhantã” e “carapanã”, além de associadas a verbetes com indicação de etimologia tupi, tinham registradas na microestrutura marcas de uso estadual “AM”/“AMAZ”.

Através desta pesquisa, foi possível a consideração de questões de pouco reconhecimento atualmente. Apesar de o Português ser a língua majoritária falada em todo o Brasil, ele não pode ser considerado unitário, pois, como qualquer outro idioma, possui variações. Considerando o mito do monolinguismo, não é possível afirmar que um país inteiro fale a mesma língua, no sentido de que esse tipo de afirmação não abre espaço para a representação da diversidade da língua, excluindo suas variações. É comum, nesse sentido, que se tome como referência o português falado na região sudeste do Brasil, por conta de veículos de comunicação em massa de alcance nacional (jornais, programas de entretenimento...) pois é a região de maior influência econômica, social, política e até mesmo cultural em nosso país.

Em consequência, regiões, como a Norte, ganham menos prestígio e representatividade, muitas vezes, inclusive em descrições e pesquisas científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSA FREIRE, José Ribamar. **Da Língua Geral ao Português**: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro, UERJ – Instituto de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. — **A ciência da Lexicografia**. Alfa, São Paulo, 28 (supl.): 1-26, 1984.
- CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Sociolinguística** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, Lucimara Alves da Conceição; ZAVAGLIA, Cláudia. **A variação terminológica denominativa na Lexicografia corrente no Brasil**. Debate Terminológico, v. 14, p. 96-103, 2015.
- CRUZ, Aline da. **Fonologia e Gramática do Nheengatú**: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa. Tese de Doutorado. Vrije Universiteit Amsterdam, 2011.
- FERREIRA, C & CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIGUEIREDO, Valbia Colares. **Marcas de uso de regionalismos no “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2015.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MAIA, Marcus. **Manual de Linguística**: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Gilvan M. **Plurilinguismo no Brasil**: repressão e resistência linguística. *Synergies Brésil*, v. 7, p. 19-26, 2009.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Sociolinguística. In: PFEIFFER, C. C. & NUNES, J. H. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem**: linguagem, história e conhecimento. 1a ed. Campinas, Pontes, 2006 p. 49-72.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.